

A DINAMICIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA E SUA INTERFERÊNCIA NA COMUNICAÇÃO MODERNA

Luiz Roberto WAGNER*

RESUMO

Todo idioma apresenta uma dinamicidade que lhe é peculiar. Isso também ocorre com a língua portuguesa. Este artigo visa a uma reflexão constante a respeito do surgimento e do emprego de novos termos, em várias áreas, tais como a econômica, a medicinal, a advocatícia e, sobretudo, a tecnológica. Interessante notar como esses vocábulos interferem nos discursos culto e coloquial do dia-a-dia.

PALAVRAS-CHAVE: Dinamicidade. Léxico. Estrangeirismo. Neologismo.

ABSTRACT

Languages have their own peculiar dynamics. Portuguese also has its dynamics. This article intends to show and reflect constant changes that emerge and the use of new terms in all areas, such as economics, medicine, law and principally technology. It is interesting to observe how these words interfere in formal and informal discourse in everyday speech.

KEYWORDS: Dynamics. Lexicon. Foreign terms. Neologism.

INTRODUÇÃO

Sempre lemos e ouvimos que a língua não é estática; assim fosse, ainda estaríamos falando e escrevendo em latim.

O léxico de uma língua nunca está pronto, pois depende do contexto, das circunstâncias. Ele não é homogêneo: diariamente, usamos palavras típicas da língua falada, palavras típicas da língua escrita, palavras técnicas, antigas e novas. Estas, chamadas neologismos, são o reflexo de como a língua acompanha as inovações da nossa sociedade. Ao estudá-los, estamos analisando não só os processos de formação de novas palavras, como também a evolução dessa sociedade.

1. Neologismo e estrangeirismo

A língua portuguesa tem origem latina, com grande parte de seu léxico proveniente do latim. Com o decorrer do tempo, no entanto, nosso idioma sempre recebeu e recebe ainda termos originários de outras línguas, — chamados estrangeirismos —, e criam-se neologismos, como forma de suprir a falta que há no vocabulário atual.

* FATEC/Tq - Av. Dr. Flávio H. Lemos, 585 - Portal Itamaracá - Taquaritinga - SP. 15900-000. prof.wagner@uol.com.br

Segundo Manzolillo (1995),

O neologismo seria, então, uma palavra nova, forjada com o escopo de responder linguisticamente a uma necessidade surgida no contexto biossocial, algo que circula entre o caráter ilimitado da realidade a ser expressa e as limitações do sistema linguístico.

Alves (1994, p. 84) assevera que não basta a criação do neologismo para que ele se torne membro integrante do acervo lexical de uma língua. É, na verdade, a comunicação linguística, pelo uso do elemento, ou pela sua não difusão, que decide sobre a integração dessa nova formação ao idioma.

O ser humano visa sempre ao progresso e ao aprimoramento pessoal e coletivo; essas inquietações do ser humano trazem alterações nos costumes e nos relacionamentos, principalmente com o desenvolvimento da tecnologia, das ciências e das artes, traduzindo-se em novos objetos, processos, métodos e técnicas que precisam de uma nomeação.

Para Barbosa, em *Da neologia à neologia na literatura* (apud ISQUERDO & OLIVEIRA, 1998, p. 32), o estudo da renovação lexical é muito importante na medida em que mostra de maneira clara as transformações pelas quais o sistema de valores compartilhados por um grupo passa.

Não é o fato de uma palavra ter caráter inédito que passa a ser imediatamente considerada neológica. Há vários momentos importantes na criação do neologismo:

- a) o instante mesmo de sua criação – refere-se ao momento em que a palavra foi criada, o ambiente, o grupo social;
- b) o momento pós-criação – que se refere à recepção, ou ao julgamento de sua aceitabilidade por parte dos destinatários, bem como sua inserção no vocabulário e no léxico de um grupo linguístico cultural;
- c) a desneologização – no momento em que se inicia esse processo, a palavra deixa de ser usada pelo grupo e torna-se, às vezes, um arcaísmo. Exemplos típicos encontramos nos jargões televisivos e nas gírias.

Na criação lexical, devem-se distinguir duas fases: aquela que considera o neologismo no instante em que é produzido no quadro enunciativo, e aquela em que é apreendido e registrado pelos falantes-ouvintes do grupo.

Em seu artigo sobre estrangeirismos, Wagner (2004, p. 61) afirma que

Para designar as palavras que passam do léxico de uma determinada língua para outra, têm sido utilizadas várias denominações. As mais comuns são: *estrangeirismo*, *empréstimo* e *importação*. Alguns autores chegam mesmo a usar estes termos de um modo diferenciado, aplicando-os de acordo com diferentes processos. O termo *estrangeirismo* aplica-se, normalmente a todas as palavras estrangeiras que não estão integradas ao léxico do português. Não designa o processo de passagem da palavra de uma língua para a outra, como acontece geralmente com os termos *empréstimo* e *importação*.

2. Formação de palavras por composição e por derivação

Além do processo de composição (palavras formadas por dois ou mais semantemas), há o processo de derivação (palavras formadas apenas por um semantema), em que se encaixam prefixos e/ou sufixos, simultaneamente ou não.

Como exemplos do primeiro caso, podemos citar os neologismos: *tarólogo*, *quirólogo*, *porta-treco*, *linguístico-sociológico*, *biodança*, *chocólatra*, *hidroginástica* e *caça-palavra*, entre outras.

Já *abusividade*, *beijação*, *brinquedaria*, *complexificação*, *desproclamar*, *pinguinário* e *tanqueiro* exemplificam neologismos formados por derivação.

A maior parte das palavras neológicas encaixa-se entre os substantivos; no entanto, há alguns verbos, como *acessar*, *deletar*, *printar*, *escanear*, *tuitar*, todos regulares e de primeira conjugação. Esses verbos foram incorporados naturalmente pelos brasileiros, quer pela sua utilização diária, quer pela sua facilidade de conjugação.

Não podemos deixar de citar as palavras que surgem por abreviação (ou redução), tais como: *refri* (= refrigerante), *apê* (= apartamento), *fono* (= fonoaudiólogo), *deprê* (= depressão), *lipo* (= lipoaspiração), *jabá* (= jabaculê).

3. O mundo comunicativo das charges

A perspicácia dos chargistas faz com que os neologismos e estrangeirismos sejam aplicados, clara e corretamente, nas charges, provando, realmente, que esses termos já foram incorporados ao nosso idioma. Trata-se de mesclar, no discurso, a linguagem visual, não verbal, com a linguagem verbal, repleta de termos novos, que trazem o humor, a criatividade e o estranhamento. Vamos analisar alguns exemplos:

No início da charge, há um dado estatístico indicando o percentual de brasileiros que não têm acesso à Internet. Nela, percebe-se, claramente, uma dicotomia entre duas classes sociais: um rapaz simples, analfabeto, e um adulto letrado, bem vestido, que emprega a função metalinguística para responder à questão do primeiro. Em sua resposta, o homem inicia com a forma verbal coloquial “Tá escrito” – visando à



compreensão de seu pequeno interlocutor –, seguida de termos em inglês, da linguagem tecnológica: *twitter*, *orkut*, *facebook* e *google*. Pela interjeição interrogativa expressa pelo rapaz, pressupõe-se que não houve comunicação, pois ele não compreendeu nada, uma vez que era duplamente analfabeto: do idioma e da linguagem da Internet.



Voltemos os olhos para a área econômica. O chargista preocupou-se em caracterizar duas personagens sentadas numa calçada e descalças, numa denotação de pedintes: uma mulher com uma criança de colo – típico da situação brasileira –, e um homem com um chapéu esticado, atitude própria de um pedido.

Há comunicação entre as personagens, uma vez que a mulher tem consciência da crise dos alimentos, inferindo que “mais e mais pessoas vão passar fome”. Embora a situação seja de penúria, o homem responde-lhe com otimismo, valorizando a experiência deles e concluindo com a possibilidade de poderem oferecer *workshop*. O humor da charge está justamente no emprego de um estrangeirismo, por uma pessoa simples, aparentemente, mas que tem conhecimento do assunto e do termo, aplicando-o corretamente.



amancionatal@gmail.com

Além dos conhecimentos linguístico e textual, o chargista demonstra ter também um conhecimento enciclopédico.

O conhecimento linguístico passa pelo conhecimento do vocabulário e regras da língua, até o conhecimento do uso da língua, que é essencial à leitura. Sem ele a compreensão não é possível. O autor utiliza a sigla STF – Supremo Tribunal Federal –, que é um processo formador de palavras, além das concordâncias verbal e nominal corretas.

O conhecimento textual abrange os diversos tipos de texto, os gêneros textuais e as formas de discurso. Ele determina as expectativas do leitor em relação ao texto, o que exerce um importante papel na compreensão. Trata-se de um texto jornalístico, com uma mensagem política, em que impera a concisão, a precisão vocabular e a clareza.

O conhecimento de mundo refere-se ao nosso embasamento cultural, aos conhecimentos que vamos acumulando no cotidiano, nas nossas experiências, vivências e aprendizagens. O chargista explora esse conhecimento enciclopédico, não somente na atualização de candidatos a cargos públicos com “fichas sujas” (em oposição a “ficha limpa”, lei brasileira), mas também na escolha da personagem que atua como telespectador. Trata-se de uma intertextualidade explícita com *O Grito*, pintura do norueguês Edvard Munch, num momento de profunda angústia. A personagem da charge reflete literalmente a expressão da tela, agora sentada, com uma linguagem não verbal, boquiaberta com a mensagem recebida, numa implícita ironia de que as leis brasileiras não funcionam como deveriam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguramente, apenas os idiomas mortos se petrificam, como aconteceu com o latim, o grego clássico, o úmbrio. É óbvio que a mudança é inerente a todas as línguas vivas, daí a sua dinamicidade.

Este artigo focalizou apenas alguns aspectos da mais prosaica das mudanças linguísticas, aquela que se verifica na esfera do vocabulário. O estudo das aquisições e das perdas lexicais apresenta interesse sociológico, além de linguístico, uma vez que permite analisar as transformações histórico-sociais por que passam os grupos humanos, bem como as influências culturais por eles sofridas ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

ALVES, I. M. *Neologismo*. São Paulo: Ática, 1990.

ISQUERDO, A. & OLIVEIRA, A. M. (Org.). *As Ciências do Léxico*. Mato Grosso do Sul: UFMS, 1998.

MANZOLILLO, V. C. de O. *Dinamicidade lexical: uma abordagem linguístico-sociológica do empréstimo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.

WAGNER, L. R. *Os estrangeirismos e suas transformações*. Revista Interface Tecnológica, FATEC-TQ, v. 1, nº 1, 2004, p. 59-65.

<http://www.google.com.br/images> Acesso em: 22 set. 2010.